

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada 1999



Les
Percussions
de Strasbourg



**Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.**

Temporada 1999



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

com a colaboração da

Association Française d'Action Artistique



Ministère des Affaires Étrangères

Les Percussions de Strasbourg

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

apoio
institucional

Prefeitura do
Município
de São Paulo
lei 010923/90

promoção



patrocínio

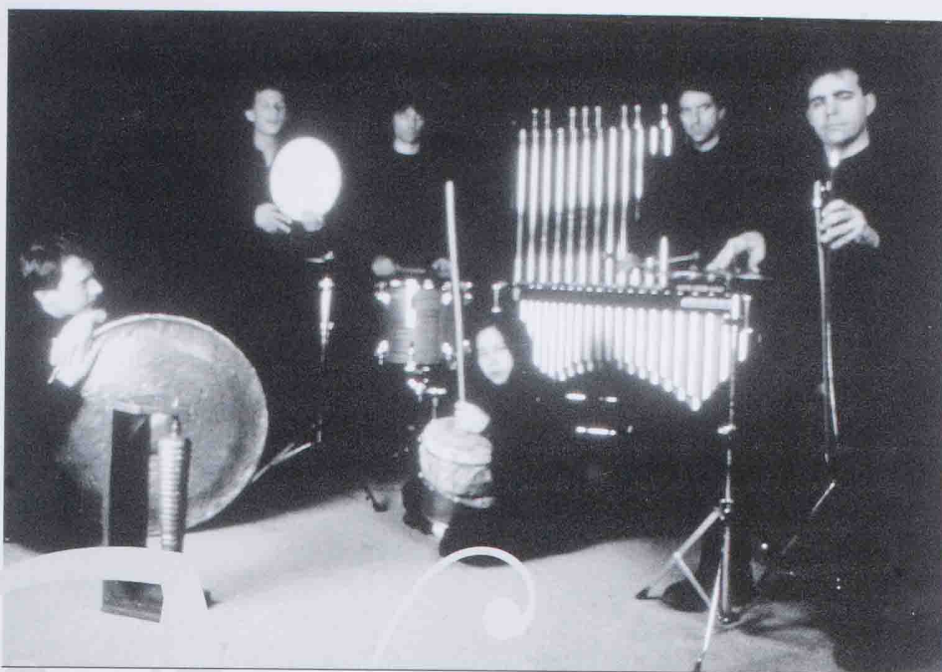


BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo



VOLKSWAGEN

VOTORANTIM



LES PERCUSSIONS DE STRASBOURG

"Essa coisa tão rara: músicos em liberdade."

A. Tubeuf

No início dos anos 50, um grupo de jovens músicos decidiu abandonar os caminhos tradicionais da expressão musical e desenvolveu, em Viena, o movimento serial. Sua energia inovadora suscitou a curiosidade e o entusiasmo de maestros, compositores e instrumentistas, das mais diversas formações, que responderam, com seu trabalho, a esse apelo à liberdade criadora.

Em 1962, esse chamado encontraria eco também na cidade francesa de Estrasburgo, levando seis músicos de formação clássica a fundar um grupo de música de câmara integrado apenas por instrumentos de percussão e promover a realização de recitais com obras escritas especialmente para esse formato. Seu objetivo era permitir que os instrumentos de percussão, qualquer que fosse sua origem – ocidental, oriental ou africana –, saíssem dos repertórios aos quais a tradição os havia confinado e pudessem finalmente fazer soar uma sonoridade "moderna". Seguindo os conselhos de Pierre Boulez, esses seis músicos, que poderíamos chamar de "os precursores", criaram o conjunto *Les Percussions de Strasbourg*, que em 1962 realizou o primeiro "recital de percussões" da história da música de concerto.

O surgimento do grupo e a qualidade de seu trabalho levariam à formação de um novo segmento do repertório musical erudito, constituído por obras de compositores como Messiaen, Xenakis, Stockhausen, Serocki, Aperghis, Ballif, Cage, Kabelac, Mâche e Donatoni, que escreveram e dedicaram novas partituras a *Les Percussions de Strasbourg*. Em 1967, os seis percussionistas, com a prévia anuência do compositor, alcançaram enorme sucesso interpretando a obra *Ionisation*, de Varese, que em sua versão original requer a participação de treze instrumentistas. O notável domínio musical e o brilhantismo cênico de *Les Percussions de Strasbourg* levaram ao aparecimento de um novo gênero musical e fizeram do grupo uma das mais importantes iniciativas a surgir no panorama musical de nosso tempo.

O espírito inovador que presidiu a criação de *Les Percussions de Strasbourg* jamais esmoreceu, uma vez que seus integrantes vem reiterando essa vocação para o novo mediante um trabalho contínuo de criação, difusão e pesquisa. Para o grupo, deixar de inovar seria “desdizer” o que constitui sua identidade mesma. O projeto artístico levado adiante por *Les Percussions de Strasbourg* busca:

- enriquecer a paleta sonora da percussão por meio de novos sons e timbres, o que implica desenvolver novas tecnologias e encomendar obras a compositores oriundos de diferentes universos musicais;
- abrir-se a novos modos de expressão, o que leva o conjunto a colaborar com outros músicos e a associar-se a expressões artísticas diversas;
- trabalhar com jovens compositores;
- estimular “residências artísticas” e fazer de Estrasburgo um centro de criação, pesquisa e ensino;
- trabalhar a essência e a forma dos recitais, ampliando a importância de elementos como cenografia e luz e estruturando a programação em torno de eixos temáticos.

A dedicação, a cumplicidade e o aprofundamento do trabalho também são meios de que se valem os integrantes do conjunto para alcançar seus objetivos. Mais do que uma simples vontade de abertura para o novo, uma espécie de “potência propositiva” parece ser o elemento que faz o grupo voltar-se para os compositores, o público e a arte de amanhã.

A coleção de instrumentos utilizados por *Les Percussions de Strasbourg* é de uma diversidade única. Peles, madeiras, metais, acessórios: as famílias de instrumentos e os diversos materiais requerem técnicas de execução particulares e enriquecem o conjunto com suas características específicas. No segmento das peles, há tímpanos, tambores, congas, bongôs, tantãs... Na seção das madeiras, encontram-se xilofones e marimbas... Nos metais, ouvem-se pratos, tambores de metal, gongos, sinos de orquestra, *glockenspiel*, vibrafone... Quanto aos instrumentos ideófonos e aos acessórios, há tacos, maracas, claves, güiros, chicotes, castanholas, matracas, triângulo...

A oficina de pesquisa instrumental de *Les Percussions de Strasbourg* é uma usina de inovações onde se conjugam experimentação e arte combinatória. Do intercâmbio entre o grupo e os compositores nasceram instrumentos inéditos, concebidos expressamente para *Les Percussions*, dentre os quais o *sixxen* – conjunto instrumental de cento e nove sons metálicos diferentes, criado por Xenakis; o *putipu* – conjunto de seis instrumentos de diferentes tamanhos, criado por Giorgio Battistelli com base no princípio dos tambores de fricção; e os *tambores d’água* – que utilizam o princípio da cabaça africana e foram realizados a partir de uma idéia de John Cage. Para *Les Percussions de Strasbourg*, as turnês internacionais e as viagens também são uma rica fonte de inspiração – nelas, seus “músicos-pesquisadores” recolhem instrumentos inesperados, como gongos, sinos de vaca, marimbas, dum-duns e tambores de madeira. As novas tecnologias, por sua vez, proporcionam a oportunidade para investigações sonoras quase ilimitadas. Ocasionalmente, até mesmo objetos de uso diário são desviados de sua utilização inicial em benefício apenas da ressonância: colheres e outros utensílios “inusitados” são postos a serviço do potencial sonoro dos percussionistas.

Os seis componentes do conjunto podem tocar mais de quatrocentos instrumentos de percussão, combinados das mais diferentes formas. No universo musical de *Les Percussions de Strasbourg*, todos os suportes são propícios à evolução das sonoridades e ao enriquecimento das cores.

Patrocinar cultura
é música para
os nossos ouvidos.

*A Bolsa de Valores de São Paulo tem o orgulho de patrocinar
a Temporada Internacional de 1999 da Sociedade de Cultura Artística.*

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

JEAN-PAUL BERNARD

Nascido em 1957, na França, é integrante de *Les Percussions de Strasbourg* desde 1985, ano em que conquistou o Primeiro Prêmio de Percussão e Música de Câmara do Conservatório Nacional da Região de Toulon. Tem ampliado sua formação trabalhando com instrumentos como o trompete, participando de *master classes* de bateria de jazz, com o músico Daniel Humair, e iniciando-se no *zarb* com D. Cheminari. Solista de várias formações e orquestras francesas e européias, é percussionista do conjunto instrumental e vocal *Musicatize* e foi um dos membros fundadores de *la Compagnie de Quatre*, que trabalha na criação de projetos artísticos pluridisciplinares. Jean-Paul Bernard ensina *Pedagogia Percustra* e é professor de percussão do *Centre de Formation de Musiciens Intervenants* de Sélestat.

CLAUDE FERRIER

Francês nascido em 1964, diplomou-se em música de câmara e percussão pela Escola Nacional de Música de Avignon em 1989, mesmo ano em que conquistou o Primeiro Prêmio de Percussão do Conservatório Nacional Superior de Música de Lyon. Integrante de *Les Percussions de Strasbourg* desde 1992, colabora regularmente, como percussionista suplementar, com diversas formações orquestrais francesas, dentre as quais a Orquestra Nacional de Lyon, a Ópera de Lyon, a Orquestra de Paris, a Filarmônica de Montpellier, a Orquestra Filarmônica de Estrasburgo, a Filarmonia da Lorena, a Orquestra Lírica da Região Avignon-Provence e a Orquestra de Jovens da Comunidade Européia.

Claude Ferrier é professor de diversos conservatórios e escolas de música da França e ensina percussão na Escola de *Les Percussions de Strasbourg*.

BERNARD LESAGE

Nascido em 1968, na França, diplomou-se em percussão em 1989 e no ano seguinte conquistou o Primeiro Prêmio de Percussão do Conservatório Nacional Superior de Música de Lyon. Ex-solista do conjunto *Percussions Claviers de Lyon*, com o qual trabalhou de 1989 a 1992, é integrante de *Les Percussions de Strasbourg* desde 1992 e colabora regularmente, como percussionista suplementar, com a Orquestra de Lyon, a Ópera de Lyon, a Orquestra de Paris e a Orquestra de Jovens da Comunidade Européia.

Bernard Lesage ensina percussão em diversos conservatórios e escolas da região de Lyon e também na Escola de *Les Percussions de Strasbourg*.

**Volkswagen.
Patrocinadora da Temporada
Cultura Artística 1999.**



Volkswagen.



KEIKO NAKAMURA

Nascido no Japão, em 1955, diplomou-se em piano e percussão pela Universidade de Arte de Osaka e conquistou o Primeiro Prêmio de Percussão do Conservatório Nacional da Região de Estrasburgo e a Medalha de Bronze no Concurso Internacional de Genebra. Integrante de *Les Percussions de Strasbourg* desde 1981, foi timpanista-solista da Orquestra Filarmônica de Estrasburgo (1981/1982), tem-se apresentado como solista, na França e em vários países da Europa, e colabora regularmente com diversas orquestras e conjuntos.

Como professor, Keiko Nakamura vem ministrando concorridas *master classes* em prestigiosas instituições musicais na Alemanha, na Suíça, na Itália e na República Tcheca.

FRANÇOIS PAPIRER

Francês nascido em 1970, conquistou o Primeiro Prêmio Medalha de Ouro, o Primeiro Prêmio *Accessit* e o Prêmio Interregional da Escola Nacional de Música de Mulhouse, na temporada musical francesa de 1990/1991. Ex-timpanista da Orquestra Francesa de Jovens, regida por E. Krivine, obteve Diploma de Virtuoso com Louvor pela *Staatliche Hochschule für Musik de Freiburg/Breisgau* em 1996, ano em que ingressou em *Les Percussions de Strasbourg*.

François Papirer colabora regularmente com as Sinfônicas de Mulhouse e Nancy e com a Filarmônica do Luxemburgo, e é professor de percussão do Conservatório de Délémont.

OLAF TZSCHOPPE

Alemão nascido em 1962, diplomou-se pela *Staatliche Hochschule für Musik de Freiburg/Breisgau* e obteve o grau de *Master of Music*, com distinção e louvor, pela Universidade de Michigan, instituição na qual estudou como bolsista da DAAD. Integrante de *Les Percussions de Strasbourg* desde 1992, colabora também com o *Ensemble Modern*, de Frankfurt, e com o conjunto de música contemporânea *Aventure*, de Freiburg, e é percussionista do grupo instrumental *SurPlus*.

Solista na Alemanha e em vários países da Europa, Olaf Tzschoppe atua ainda como percussionista de diversas orquestras e conjuntos e de 1991 a 1995 foi professor da *Hochschule* de Freiburg.

PROGRAMAS

SÉRIE BRANCA

18 de maio, terça-feira, 21h

EDGAR VARESE (1883 – 1965)

Ionisation

JOHN CAGE (1912 – 1992)

First Construction (in Metal)

FRANCO DONATONI (1927)

Darkness

intervalo

JEAN-MARC SINGIER (1954)

Drus, flous, debridés, des bouts s'ébrouent

PHILIPPE MANOURY (1952)

Métal

SÉRIE AZUL

19 de maio, quarta-feira, 21h

EDGAR VARESE (1883 – 1965)

Ionisation

JOHN CAGE (1912 – 1992)

First Construction (in Metal)

STEFANO GERVASONI (1962)

Bleu jusqu'au blanc

intervalo

ANNETTE SCHLÜNZ (1964)

Et la pluie se mit a tomber

YOSHIHISA TAÏRA (1937)

Hiérophonie 5

SÉRIE VERDE

20 de maio, quinta-feira, 21h

PHILIPPE HUREL (1955)

KITS

HELMUT OEHRING (1961)

Suck the brain out of the heat

intervalo

IANNIS XENAKIS (1922)

Pleiades

Temporada 1999



PRÓXIMOS CONCERTOS

ORQUESTRA DO SÉCULO XVIII

THOMAS ZEHETMAIR, regência e violino

24 de maio, segunda-feira

HAYDN: Sinfonia nº 49

MOZART: Concerto para Violino e Viola, em Mi bemol maior, K.364

BEETHOVEN: Sinfonia nº 7

25 de maio, terça-feira

HAYDN: Sinfonia nº 49

MOZART: Concerto para Violino e Viola, em Mi bemol maior, K.364

MOZART: Serenata nº 7

26 de maio, quarta-feira

MOZART: Sinfonia nº 35

MOZART: Concerto para Violino, K.219

MOZART: Serenata nº 7

OMINT.

UNINDO O MELHOR

DA CIÊNCIA E

DA CONSCIÊNCIA

MÉDICA.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES, LIGUE PARA A OMINT:

0800 • 174433 DAS 8:00 ÀS 20:00 H.



OMINT BRASIL SÃO PAULO • RIO DE JANEIRO • RIBEIRÃO PRETO • CAMPINAS
OMINT ARGENTINA BUENOS AIRES • CÓRDOBA • MENDOZA • TUCUMAN • SALTA



A PERCUSSÃO

“No início era o ritmo”, disse Eduard Hanslick, teórico musical do século passado. É bem provável. Isso porque, além da voz, os primeiros instrumentos utilizados pelo homem podem ter sido os de percussão, geradores de pulsar rítmico.

Batendo palmas e percutindo o solo com os pés, nossos antepassados logo encontrariam na madeira e na pedra elementos que marcavam com clareza o impulso de suas danças e de seus cantos. Possivelmente partindo do pulsar cadenciado do coração e do andamento do caminhar e do correr, o homem chegaria à criação de ritmos extraordinariamente complexos. Muitos ricos e freqüentemente sobrepostos em intrincadas polifonias, os ritmos continuam a mostrar sua força na música de várias culturas extra-europeias.

No Ocidente, desde a Idade Média, o homem musical vem criando instrumentos de percussão cada vez mais elaborados. Mas é preciso reconhecer que até o final do século XIX, no domínio da música chamada erudita, os instrumentos de percussão, via de regra, foram subordinados aos de outras famílias melodicamente mais definidas, como as das cordas e dos sopros.

Com a escandalosa estréia de *A Sagração da Primavera*, de Stravinsky, em 1913, a energia do ritmo foi liberada. E, a partir de então, o ritmo muitas vezes passou a ser considerado como elemento fundante de obras inteiras. Nesse sentido, basta lembrar que, na atualidade, há muitos grupos espalhados pelo mundo especializados nessa gama de produção musical. E é assim que o conjunto *Les Percussions de Strasbourg* pode exibir em seu repertório quarenta partituras concebidas para os seus instrumentos de pele (tímboles, tambores, bongós), madeira (xilofones, marimbas), metal (címbalos, gongos, vibrafones), além dos chamados ideofones ou acessórios (maracas, chicotes e castanholas, dentre outros).

EDGAR VARESE (1883 – 1965)

Ionisation

Francês radicado em Nova Iorque a partir de 1916, Varese levou uma vida marcada por grandes frustrações. Toda a sua produção da juventude foi perdida em um incêndio, durante a Primeira Guerra. Raramente encontrou nos instrumentos tradicionais os meios

sonoros ideais que concretizassem as idéias que tinha em mente. Profundas depressões psicológicas mantiveram-no, durante longos períodos, afastado do fazer musical. Apenas no final de sua existência foi reconhecido pelas novas gerações como um autêntico farol criativo e profético.

Por tudo isso, Varese legou-nos apenas quinze obras, todas elas rigorosamente inovadoras. Esse é bem o caso de *Ionisation* (1929/31), primeira partitura da música ocidental não folclórica destinada a apenas um grupo de percussão. Foi inicialmente concebida para treze instrumentistas e regente. O grupo *Les Percussions de Strasbourg*, a partir de 1967, passou a executá-la com apenas seis elementos, em versão de Georges Van Gucht autorizada pelo compositor.

Quatro células rítmicas de base são o material sonoro com o qual Varese constrói sua obra. Essas células, em um processo que lembra os da vida orgânica, são gradativamente desintegradas em várias dezenas de ritmos diferentes, até a sua pulverização final. *Ionisation* representa uma etapa essencial nessa incessante pesquisa de um material novo, próprio para alimentar e traduzir o mundo sonoro interior do artista.

JOHN CAGE (1912 – 1992)

First Construction (in Metal)

O compositor, criador de instrumentos, poeta, artista plástico, pensador e animador cultural John Cage é considerado figura de proa no panorama da música radical concebida em nosso século. Esse artista norte-americano se considerava mais inventor do que propriamente um compositor no sentido lato da palavra. À pergunta “o que você inventou?” ele respondeu, certa vez: “música, não composição”.

As aulas que teve com Henry Cowell e Arnold Schoenberg parecem ter deixado em Cage marcas menos profundas que as resultantes do seu contato com o Zen Budismo do mestre Suzuki, com o conceito de *ready made* do dadaísta Marcel Duchamp e com a escritura baseada em esquemas de Erik Satie.

Durante a década de 1930, John Cage inventou o piano preparado, formou algumas das primeiras orquestras de percussão e previu a criação de estúdios de música eletrônica. A partir da década de 1950, passou a empregar diagramas para compor e, logo em seguida,

a utilizar as operações do *I Ching* chinês, a fim de introduzir o elemento acaso no processo composicional. Influenciou várias gerações não apenas de músicos como também de artistas de várias áreas – da plástica ao vídeo, da poesia aos espetáculos multimídia.

First Construction (in Metal) data de 1939 e é destinada a seis percussionistas que tocam instrumentos usuais e também nada usuais, como gongos de templos japoneses, címbalos turcos, sinos tubulares e tambores de freios de automóvel. Partindo da sua anárquica palheta metálica, o compositor aí desenvolve a idéia de um estrutura rítmica a qual estabelece relações proporcionais entre o comprimento de uma frase e o comprimento de porções maiores da própria obra.

FRANCO DONATONI (1927)

Darkness

Nascido em Verona, na Itália, Donatoni sempre demonstrou uma notável capacidade de auto-renovação estilística. Assumiu, sucessivamente, várias tendências estéticas divergentes, antagônicas até, na constante busca de uma linguagem dotada de real sentido. Depois de um início acadêmico, aderiu ao serialismo integral liderado por Boulez, Stockhausen e Nono, no início da década de 1950. Já a descoberta do pensamento relativizador de John Cage, no começo dos anos 60, levou-o às paragens da indeterminação e do acaso. Ele diria, à época: "o que constantemente guia meu pensamento, sem a interferência da vontade, é a dúvida, é a negação".

Um nova reviravolta estilística, operada a partir da década de 1970, afastou-o do neodadaísmo, devolvendo-lhe o prazer da escritura. Desde então, vem compondo obras que são fruto de uma meticulosa elaboração, fundamentadas no desenvolvimento orgânico de células musicais. Declarou o artista: "Para mim, compor significa inventar o processo necessário para a transformação contínua da matéria".

Darkness é dedicada a *Les Percussions de Strasbourg*. Dividida internamente em cinco partes, essa "escuridão" associa, em cada uma delas, instrumentos de timbre homogêneo. Estes, por sua vez, abrem espaço para aqueles instrumentos que dominarão o segmento seguinte. Cada seção, de aparência estática e furta-cor, integra-se em um discurso que tem a trajetória de um crescendo.

JEAN-MARC SINGIER (1954)

Drus, flous, debridés, des bouts s'ébrouent

Guitarrista francês de 45 anos, Singier estudou, além de literatura e matérias que integram os currículos normais das escolas de música, percussão africana e asiática. Seus principais professores foram Aurel Stroë, György Ligeti e Franco Donatoni. Espírito eclético, irreverente e não-conformista, alimenta sua obra em múltiplas fontes, as quais vão da percussão iraniana à polifonia da medieval Escola de Notre Dame, da figura tutelar de Stravinsky às lembranças do jazz *Dixieland*. Etiquetado ora de heterodoxo, ora de pós-moderno, o artista vem escrevendo peças onde os elementos os mais variados são justapostos e sobrepostos, criando imagens sonoras que podem lembrar tanto o barroquismo dos quadros de Arcimboldo quanto as bricolagens de certos escultores e pintores da atualidade.

Singier gosta de dar às suas músicas títulos enigmáticos que são um pesadelo para seus apresentadores. Esse é bem o caso de *Drus, flous, debridés, des bouts s'ébrouent* que, em uma ambientação humorada para o português, poderia equivaler a "Espessos, vaporosos, desenfreados, os extremos se assustam". Escrita em 1995/96, simultaneamente como uma homenagem ao compositor chinês Mo Wuping e ao grupo *Les Percussions de Strasbourg*, ela deve algo da sua fisionomia à descoberta de certos instrumentos raros, como os *putipus*, tambores à fricção italianos. A peça é dividida em quatro movimentos, cada um deles dando o papel principal a um timbre particular: tambores à fricção, madeiras (marimbas), metais (címbales e vibrafones) e percussões feitas com a mão.

PHILIPPE MANOURY (1952)

Métal

Aos 47 anos, Philippe Manoury, francês de Tulle, é considerado um dos mais sérios e exigentes representantes da nova escola francesa. Estudou composição com Gérard Condé, o histórico Max Deutsch, Ivo Malec e Michel Philippot. Depois de uma estadia no Brasil, passou a trabalhar no Instituto de Pesquisa Acústica-Música – IRCAM, do Centro Beaubourg, em Paris.

O estilo de Manoury revela uma enorme riqueza de imaginação e, com frequência, um construtivismo particularmente severo. A exploração da polifonia, o gosto pela complexidade e a pesquisa em torno das sonorida-

des estão entre as características da sua escritura, baseada livremente no pós-serialismo, que é a um só tempo lúcida e romântica.

Artista freqüentemente voltado para a música eletroacústica, aquela realizada em laboratórios geradores de novos sons e de poéticas inéditas, Manoury vem empregando muitas das descobertas que fez nesse campo em sua música instrumental. Partindo de duas peças incluídas no ciclo "Livro dos Teclados", o compositor chegou a *Métal*, de 1995. Ele mesmo vê essa peça como "uma vasta composição que tira conclusões e amplifica aquilo que, até então, era apenas experimental. Já que os instrumentos não são uniformemente afinados e não produzem o mesmo som, quando percutidos *piano* ou *forte*, o jogo das semelhanças, de respostas, de espelhos, de oposições e de polirritmias se torna enormemente mais complexo. Todo o corpo sonoro utilizado pelo compositor é um instrumento musical, escreveu profeticamente Berlioz no seu Tratado de Instrumentação e de Orquestração. Eu não ficaria aborrecido se pudesse provar, hoje, que ele estava absolutamente certo".

STEFANO GERVASONI (1962)

Bleu jusqu'au blanc

Italiano nascido em Bérghamo, há 37 anos, Stefano Gervasoni é um dos compositores da Península mais premiados, executados e editados de sua geração. Seu catálogo compreende obras destinadas sobretudo à orquestra, à voz e a vários tipos de agrupamentos instrumentais. Estudou composição com Luca Lombardi, Niccolò Castiglioni e Azio Gorgi no Conservatório Giuseppe Verdi de Milão. Prosseguiu seus estudos com György Ligeti, na Hungria (1990) e, depois, em Paris, freqüentou o curso de composição e de informática do Instituto de Pesquisa Acústica-Música – IRCAM, do Centro Beaubourg (1992/93). Sentiu-se profundamente marcado, enquanto artista, pelos encontros que teve com grandes compositores seriais e pós-seriais tais como Luigi Nono, Brian Ferneyhough, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann.

Sua peça *Bleu jusqu'au blanc* (Azul até o branco) estreou em Roma, em 1996, e é dedicada a *Les Percussions de Strasbourg*. Em vez de um texto explicativo, Gervasoni escolheu um texto elusivo de Gustav Flaubert para acompanhar sua obra. Aqui está uma

ambientação semântica desse texto, em português:

"O Nada, atraente, no qual o olhar não encontra repouso, fio invisível que separa e recompõe os equilíbrios, limiar intocável de transmutação permanente.

"Azul transparente e aéreo do céu que, insensivelmente, torna-se terra e permanece céu.

"Metáfora do olhar: 'para que alguma coisa seja interessante, basta olhá-la por muito tempo'".

ANNETTE SCHLÜNZ (1964)

Et la pluie se mit a tomber

Alemã nascida há 35 anos em Dessau, na ainda RDA, Annette Schlünz iniciou-se em música em sua cidade natal – flauta doce, oboé, piano e canto coral. Entre 1976 e 1983, estudou composição em Halle, época da qual datam suas primeiras obras. Aperfeiçoou-se em Dresden e Berlim e foi a ganhadora do Prêmio Hanns Eisler de 1990, com o seu trio para cordas *Il pleut doucement sur la ville*. Durante a atual década, freqüentou os cursos de *Darmstadt*, foi bolsista do estúdio eletroacústico da Academia de Arte Berlinense e viu estreiar sua ópera *Matka*, em Leipzig.

Acerca de sua peça *Et la pluie se mit a tomber* (E a chuva começou a cair), disse a própria autora:

"É uma peça para 6 músicos – 6, cifra absoluta, já que tanto soma quanto produto: 1+2+3 e 1x2x3. É também o produto do primeiro número masculino (3) e do primeiro número feminino (2), cuja soma é o 5 indivisível. Esse jogo com os números no sentido matemático e poético (por exemplo, a interpretação de suas polaridades) torna-se tempo audível nas mais variadas relações entre sons, densos ou quase nus, fortes, doces, interrompidos pelo silêncio e pela calma... como o início imperceptível de uma chuva".

Et la pluie se mit a tomber foi estreada por *Les Percussions de Strasbourg*, em 1994, durante o Festival de Outono de Bonn.

YOSHIHISA TAIRA (1937)

Hiérophonie 5

Radicado na França desde meados da década de 1960, Taira é japonês de Tóquio, onde nasceu há 60 anos. Depois de realizar seus estudos musicais na Universidade de Artes de sua cidade natal, ele foi estudar no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, tendo como professores André Jolivet, Henri Dutilleux e

Olivier Messiaen. Ganhou vários prêmios importantes e sua música é costumeiramente executada em festivais de música contemporânea. Atualmente, ensina composição na Escola Normal de Música de Paris.

Yoshihisa Taïra afirma adotar uma estética baseada no canto, na natureza e na emoção, ligadas à proliferação do som no silêncio. Ele mesmo disse: "Eu me pergunto com frequência: o que é a música para mim? Talvez seja o canto instintivo, interior de uma prece que me faz ser". Estreada em 1975 no Festival de Royan, *Hiérophonie 5* mereceu do compositor as palavras que se seguem:

"Esta obra, que começa pelos atos primitivos da Percussão e do Grito, prossegue, em uma segunda parte, pela negação desse mesmo ato. Aqui, o ato de percutir é muito limitado. Não seria possível perceber a serenidade da Alma na vibração contínua dos instrumentos?"

"De quando em quando, são entreouvistos os tambores da festa popular, como se os homens se reunissem batendo eles mesmos os instrumentos, realizando assim o canto do sopro da vida.

"De igual modo, os seis percussionistas reencontram livremente a respiração do corpo. Através do *ostinato* rítmico repetido, eu quis confirmar, à minha maneira, o prazer essencial do corpo.

"Dedico esta obra às *Percussions de Strasbourg*, com quem vivi durante os ensaios uma experiência inesquecível".

PHILIPPE HUREL (1955)

KITS

Francês de Domfront, Philippe Hurel, 44 anos, fez seus primeiros estudos musicais em Toulouse. Fixando-se em Paris a partir de 1981, foi aluno premiado de Ivo Malec e Betsy Jolas, seguindo também os cursos de Tristan Murail sobre as relações entre composição, acústica e informática.

Hurel pertence à geração dos compositores que desenvolveram os princípios da música chamada "espectral", iniciada por Grisey e Murail na década de 1970. Essa estética, baseada essencialmente no timbre, na cor instrumental, pretende que o discurso musical seja compreendido na própria instância da escuta. Isso, graças à colocação em jogo de processos que permitam passar, gradativamente, de um estado da matéria

sonora a um outro. Hurel repensou a *musique spectrale* a partir das pesquisas que realizou em torno das funções melódicas, polifônicas e rítmicas do discurso musical, dando a elas uma nova e ambígua configuração.

Profundo admirador da energia rítmica do jazz e do rock, Hurel escreveu *KITS* em 1996, obra pensada "inicialmente para 'completar' um concerto no qual deveriam coabitar peças de Frank Zappa, Carla Bley e Martial Solal", segundo o autor. E é ele mesmo quem complementa: "Juntei ao grupo das seis *Percussions de Strasbourg* um baixo e congas gravadas em estúdio (é possível tocar essas partes ao vivo), e o resultado sonoro se situa entre o jazz (*funky*, no final da peça) e a música contemporânea".

HELMUT OEHRING (1961)

Suck the brain out of the heat

Filho de pais surdos, Helmut Oehring nasceu há 38 anos, na parte leste de Berlim, ainda dividida pelo muro. Recebeu formação de trabalhador na construção civil e, até o início da década de 1980, exerceu várias profissões. A partir de 1984/85, passou a se ocupar com o que chama de "música moderna européia composta". Enquanto guitarrista e compositor, considera-se autodidata, ainda que tenha frequentado a classe de mestrado na Academia das Artes de Berlim, sob orientação de G. Katzer. Recebeu o prêmio Hanns Eisler de 1990 e, dois anos depois, foi premiado no Fórum de Jovens Compositores da Rádio de Colônia, a *WDR*.

Mesmo dentro dos parâmetros libertários da atual produção de música, Oehring dá a impressão de ser um iconoclasta. Afirmando não sentir nada quando compõe, diz interessar-se não pela fantasia, mas pela realidade. Sua produção, assim, seria a "continuidade do real, com outros meios". E conclui: "Eu não quero expressar nada, mas talvez algo transpareça inconscientemente".

Escreveu um de seus comentaristas: "Oehring tem afinidade com tudo o que é mortal. A morte mora ao lado de suas partituras. Tudo em espaço reduzido ao máximo. Imagens de horror? Imagens de choque?". Mas o próprio artista não parece concordar com isso: "Acho que minhas músicas não têm nada a ver com a dor".

Suck the brain out of the heat, peça estreada em 1994 por *Les Percussions de Strasbourg*, alimenta-se da visão paradoxal do autor.

IANNIS XENAKIS (1922)

Pleiades

Nascido na Romênia de pais gregos, há 77 anos, Xenakis lutou na Resistência Grega durante a Segunda Guerra e por isso foi condenado à morte. Entrou na França como refugiado político, em 1947. Obteve a nacionalidade francesa em 1965. Ali trabalhou com o arquiteto Le Corbusier, retomando também seus estudos musicais com Arthur Honegger, Darius Milhaud e Olivier Messiaen, em Paris, e também com o maestro Hermann Scherchen, responsável pela estréia de várias de suas obras.

Xenakis encontrou nas matemáticas e nas teorias arquitetônicas alguns dos elementos que o levaram a criar uma nova linguagem musical, a da música estocástica, ou probabilística. Em meio à década de 1950, seu novo conceito de tratar a composição, auxiliado por operações matemáticas, e de encarar os sons como massa, por meio da estatística, levou-o à liderança de uma nova vanguarda musical. Esta tinha como objetivo contrapor-se ao dodecafonismo e alcançar o ideal de "dimensão panorâmica" do discurso sonoro.

Pleiades, de 1979, empresta seu título da constelação das Plêiades, integrada por seis estrelas envoltas por véu gasoso. O título também evoca o número de integrantes de *Les Percussions de Strasbourg*, a quem a partitura é dedicada. Xenakis criou um novo instrumento especialmente para essa peça, o *sixxen*, de grande riqueza de timbres e que faz lembrar tanto o gamelão balinês quanto os carrilhões das igrejas mediterrâneas.

Pleiades é dividida em quatro partes, cujos títulos fazem referência aos materiais de fabricação dos instrumentos e aos sons que eles produzem. São elas: *Mélanges*, executada por vários tipos de percussão, *Métaux*, que evidencia os instrumentos de metal, *Claviers*, baseada em teclados, e *Peaux*, que coloca em realce as percussões feitas de peles, de membranas.

Coordenação Editorial Rui Fontana Lopez

Projeto Gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. Almeida

Editoração Eletrônica BVDA / Brasil Verde

Textos sobre Compositores e Obras Sociedade de Cultura Artística

Fotolitos e Impressão OESP Gráfica

Isso sim é pacote cultural.

Na promoção da Editora D'Avila você assina **BRAVO!**, **República** ou **Morumbi Fashion**, por 1 ou 2 anos, e ganha outra assinatura de 3 ou 6 meses para dar de presente. Assim você pode oferecer 3 ou 6 edições de **BRAVO!** ou **República**. Ou, ainda, 2 ou 3 edições de **Morumbi Fashion**, que é bimestral. O preço facilita ainda mais o seu acesso a cultura. **BRAVO!** ou **República** por apenas 3x de R\$ 22,00*. Ou **Morumbi Fashion** por apenas 3x R\$ 11,00*. Ligue 0800-14-8090. Se preferir, acesse www.revbravo.com.br ou envie seus dados para assina@davila.com.br. Leve o melhor da cultura para casa. Assine **BRAVO!**, **República** ou **Morumbi Fashion**.

*É uma revista com informações completas sobre artes plásticas, teatro, dança, música, cinema e literatura. Assine **BRAVO!**, a revista que é um espetáculo.*

*É a revista de gente e idéias. Aborda o mundo de forma inteligente, original e sem preconceitos. Assine **República** e tenha de volta o prazer pela boa leitura.*



*É a revista de interesse geral do Morumbi Shopping. Tem tudo sobre estilo e comportamento, seja em moda, beleza, artes, culinária, lazer. Assine **Morumbi Fashion**, a revista que dita a moda.*

Simply
primeira classe.



BankBoston

Temporada 1999

Abril 15, 16 e 19

Orquestra Sinfônica de Budapeste
Tamás Vásáry, diretor musical e regente
Mstislav Rostropovich, violoncelo

Maio 18, 19 e 20

Les Percussions de Strasbourg

Maio 24, 25 e 26

Orquestra do Século XVIII
Thomas Zehetmair, regente e violino

Junho 8, 9 e 10

Quarteto Beethoven de Roma

Junho 21, 22 e 23

Ricardo Castro, piano

Julho 5, 6 e 7

Orquestra Sinfônica Nacional da RAI
Eliahu Inbal, regente
Roberto Cominati, piano

Agosto 16, 17 e 18

Beaux Arts Trio

Agosto 30 e 31 – Setembro 1

Quarteto Vermeer, cordas
Alex Klein, oboé

Setembro 13, 14 e 15

Vadim Repin, violino
Alexander Melnikov, piano

Outubro 5 e 6 – Sala Júlio Prestes

Orquestra Filarmônica de Viena
Lorin Maazel, regente

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

apoio
institucional

Prefeitura
do Município
de São Paulo
Lei 010923/90

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA